

SEO FELIZ

Calmo e generoso, o pintor Feliciano Pimentel Lana levou as cenas do noroeste amazônico para todo o mundo

# Traduziu o Negro em arte

PAULO ANDRÉ NUNES  
pauloandre@acritica.com

Dolorosa, qualquer perda de ente querido nesta pandemia de Covid-19 é marcada antes pelo distanciamento e, depois, pelo abrupto fim de uma vida marcada, em vários casos, por pessoas que tiveram a existência marcada pela bondade, humildade e o repassar de conhecimento, entre eles o cultural.

Uma delas foi o artista plástico dessana Feliciano Pimentel Lana, o “Seo Feliz”, que faleceu no último dia 12, em São Francisco, comunidade situada em São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro, aos 83 anos de idade.

Conhecido pelo estilo inconfundível, expressiva da cosmologia dos povos da região, deixa uma extensa produção que se espalhou por muitas publicações e acervos. Seus trabalhos estão em instituições diversas como o Museu de Arte de Belém, o Museu da Amazônia e o Museu Britânico, com o qual estava colaborando recentemente.

Seo Feliz, que nasceu na comunidade desana São João, no Médio Rio Tiquié, tendo recebido o nome de benzimento de Sibó, “Filho do Sol”, era considerado um artista versátil, expressando seus conhecimentos minuciosos das narrativas, da história e das paisagens do noroeste amazônico em seus desenhos e pinturas.

“Ele não se cansou de pintar a paisagem vasta e incrível do rio Negro e suas serras, que se abrem à vista do alto da fortaleza. Sabia o nome de cada montanha - Basebo, Wariró e suas filhas”, lembra o antropólogo Aloísio Cabalzar, do Instituto Socioambiental (ISA).

“A tukano dona Joaquina Machado, sua esposa, mais ve-

lha que ele, era também conhecedora e muito lhe ensinava. O tempo passou, Joaquina faleceu e Feliciano teve que deixar a fortaleza e mudar-se para o Areal, bairro que estava surgindo na periferia da cidade, local mais distante e bem menos agradável. Mas, ele resistiu e seguiu pintando e curando, já que era muito procurado por ser também um benzedor reconhecido”, observa Cabalzar.

“Calmo e generoso, muito aberto a novos desafios e para transmitir seus conhecimentos, produziu uma obra sensível, expressiva da cosmologia dos povos Tukano e quase onipresente nos trabalhos de antropólogos, historiadores e artistas que tratam do rio Negro. Seus trabalhos estão em instituições diversas como o Museu de Arte de Belém, o Museu da Amazônia e o Museu Britânico”, ressalta.

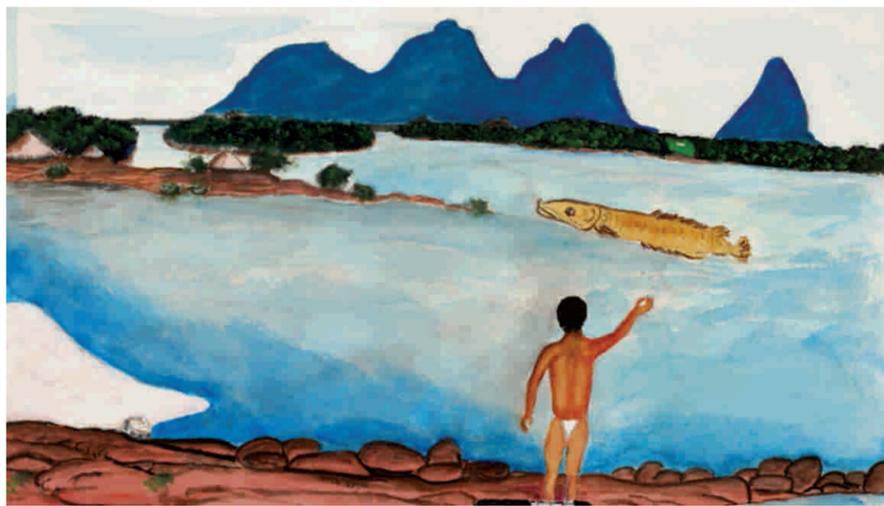
## “ERA ÚNICO”

“O Feliciano era muito especial, um conhecedor profundo da sua cultura, como dessana e indígena do rio Negro, e pessoa dessa primeira geração que foi para a escola de colégio interno em Pari-Cachoeira e que conseguiu expressar através do seu conhecimento as narrativas de origem, benzimentos e o conhecimento tradicional dos povos daquela região. Era único. É uma perda inestimável, estava em plena atividade e essa doença pegou ele, apesar da idade, em uma fase muito inspirada e ativa”, conclui o cientista social.

Antes dos sintomas de Covid-19, Feliciano já manifestava sua preocupação por conta da idade. O bairro no qual morava, o Areal, e os adjacentes, já registravam mortes. Seo Feliz se foi, mas virou eterno para o povo amazônica!



Feliciano Lana era muito ativo apesar da idade avançada, 83 anos de idade



Com um estilo inconfundível, o artista deixa uma extensa produção; parte dela nos principais museus do mundo



Ele não se cansou de pintar a paisagem vasta e incrível do rio Negro e suas serras, que se abrem à vista do alto da fortaleza. Sabia o nome de cada montanha”

Aloísio Cabalzar  
Antropólogo do Instituto Socioambiental, que atua na região

Família conta que Clemente e Pedro da Mata praticavam a empatia

## Irmãos deixam legado da alegria e da caridade

Moradores da capital amazônica os irmãos Clemente Pedrosa da Mata, 59, e Pedro Pedrosa da Mata, 62, eram conhecidos como pessoas de vida simples e trabalhadora. Ambos foram vitimados pelo novo coronavírus, mas deixaram um legado de caridade e amor ao próximo.

“Meu pai Clemente Pedrosa da Mata era pedreiro, levava uma vida simples. Pegou vírus de outro irmão que se salvou.

Era fumante e tinha diabetes. Foi internado no Hospital e Pronto-Socorro 28 de Agosto em 26 de abril e faleceu 1º de maio. Seu rim paralisou”, relata a filha Eligleicy Oliveira da Mata Pontes, 38, relações públicas e síndica profissional.

“Meu tio Pedro Pedrosa da Mata era metalúrgico e também pedreiro, um segundo pai para mim. Faleceu em 17 de abril. Foi um esposo e pai maravilhosos.

Tinha diabetes e só descobriu no hospital quando seu quadro se agravou. Teve pneumonia. Se agravou, foi se tratar em casa e não foi diagnosticado de imediato - seu exame PCR deu negativo. Foi para o hospital Delphina Aziz e morreu por parada cardíaca”, diz Eligleicy da Mata.

Clemente deixou viúva a dona de casa Elizena da Mata e era pai de três filhos. Já Pedro era casado com Graça da Mata, com



Pedro e Clemente eram diabéticos e morreram num intervalo de menos de 15 dias

quem tinha seis herdeiros. Para Eligleicy da Mata, o legado que ambos deixaram foi de sempre ajudar o próximo, a caridade. “Até no momento em que estavam doentes manifestavam preocupação com o próximo e com a família”, observa a profissional da comunicação.

“O maior ensinamento que tenho deles é de empatia, de se colocar no lugar do próximo, de estarem sempre alegres e serem pessoas trabalhadoras”, ressalta Eligleicy da Mata.

A família de Pedro e Clemente também teve a perda dos primos Leonor Mota dos Santos, 64, Antônio Seixas Corrêa, 84, e Raimunda Pedrosa Guimarães. Felizmente, sete membros da família que contraíram o Covid-19 já se recuperaram da doença.

## PREVENÇÃO

Iniciativa ganhou reconhecimento da Unesco, que está promovendo internacionalmente um informativo sobre ela

# Vídeos nas línguas amazônicas

A Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) está promovendo a divulgação de um vídeo informativo específico sobre Covid-19 para povos Amazônicos.

Responsável pela elaboração do vídeo, o professor de Jornalismo Thiago Cardoso Franco, do Grupo de Colaboradores do Subcomitê de Enfrentamento da Covid-19 do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/Ufam/Parintins), explica que foram produzidos mais de 16 vídeos, mas somente oito são de et-

nias específicas, pelos quais atingem dezenas de comunidades. Exemplo é a etnia Mundurucu.

Ele conta que a Unesco irá divulgar o trabalho nas suas redes internacionais, evidenciando o papel cidadão. “A partir de agora todos os nossos materiais de vídeo voltados para essas comunidades virão com a chance da Unesco”, disse Thiago.

O professor conta que houve um alinhamento de agendas. Assim que saíram os primeiros casos da Covid-19 na região amazônica, começou a trocar algumas mensagens com uma das



Projeto é desenvolvido pelo ICSEZ da Universidade Federal (Ufam), em Parintins

## Aliança global

O vídeo é promovido pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), por meio do programa Youth Ambassadors do Global Alliance for Partnerships on media and information literacy, que tem como objetivo prevenir quanto à Covid-19 para cada etnia específica.

coordenadoras, da América Latina, da Health and Information Literacy Access Alliance (HILA Alliance), da Unesco, Beatrice Bonami, que foi informada quanto aos perigos da doença disseminar na Amazônia.

“O fato era que a Unesco já tinha um material escrito de prevenção, traduzido para o português e a instituição queria chegar até as comunidades, antes da doença. Bem, sabemos que esse processo não é tão simples. O material apesar de muito didático, na forma que estava, não faria efeito nas comunidades. Pensamos em transformar em vídeo”, explicou o professor.

“É de conhecimento geral que são muitas comunidades. Então, começamos envolvendo nossos alunos originários de alguma etnia”, completou.